

Artigo de Opinião

O Técnico de Radiologia entre o Corpo Transparente e a *expertise* de o produzir

Carla Solano

Técnica de Radiologia, licenciada em Radiologia, mestre em Antropologia Médica, investigadora convidada do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra (iiiUC)-CEIS20-UC

– Serviço de Imagem Médica, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra (iiiUC)-CEIS20-UC



Antes a prática era empírica, consistia em dissecar os corpos para ver o que lhes acontecia. Como dizia Foucault⁽¹⁾, *abram-se os cadáveres!*. Depois, transitámos para o progresso e para o esmero das técnicas de visualização do corpo fechado. O ónus foi a dissecação do olhar sobre os corpos. As palavras de ordem passaram a ser *abram-se os olhos*. Nesse mesmo ano a psicanálise, parafraseando Monteiro⁽²⁾, fez o mesmo percurso elegendo a mente, agora com o foco na escuta, *abram-se os ouvidos*.

É claro que todos os métodos de investigação científica se apoiavam nestes dois sentidos: o que se pode ver (a *evidence*) e o que se pode escutar, com toda a subjetividade que daí advinha. Com a descoberta, entre outras, dos raios X e dos seus instrumentos, o interessante era que quem via e ouvia, era o próprio sujeito, o mesmo humano que permitia e causava a subjetividade do olhar. Mas, se quem vir forem instrumentos capazes de dar precisão à discrição do que se vê, passa o corpo então a ser *objeto* de observação, e a ser lido pelo sujeito que detém o saber sobre os equipamentos produtores destes artefactos⁽³⁾.

Entendido o corpo, como o *objeto*, o caminho inevitável foi criar *expertise* para *produzir/ver o corpo*. Dos Teatros Anatómicos Renascentistas aos Teatros Digitais, fizeram-se caminhos com novos saberes e novos atores. Pouca diferença existe entre o que era o espetáculo das dissecações anatómicas na Idade Média e a atual visualização nos telejornais, da mais fiel e bela imagem do nosso corpo, saída dos mais modernos equipamentos. Ontem como hoje, produziu-se conhecimento a partir da manipulação do corpo, das imagens e das estruturas internas, com o único objetivo, de tornar *dizível* a maneira de se visualizar o corpo na ciência.

Interessam neste artigo, os novos atores, os que primeiro fizeram radiografias e radioscopia, e que estão no esteio do que é hoje a profissão de Técnico de Radiologia. Não é possível falar da Radiologia em Portugal sem falar nos seus atores, médicos radiologistas e preparadores auxiliares de radiologia médica. Não existem uns sem os outros. Como não é

possível falar de radiologia (médicos ou preparadores auxiliares) sem falar de ensino porque estas são áreas que exigem *expertise*.

Desde a primeira hora que na Radiologia os saberes estritamente médicos não são suficientes, foram necessários saberes de físicos, de fotógrafos, para se darem os primeiros passos. Passada a euforia inicial, quando se sai do âmbito da física e se instalam, por decreto do reino, nos hospitais, os primeiros laboratórios de radiografia e radioscopia, sempre tiveram na sua forma escrita um servente ou preparador. É esta a origem, nascem da necessidade da ciência e da tecnologia, constroem saber pela curiosidade e pela necessidade de se ultrapassarem barreiras. São a combinação entre a necessidade, a curiosidade e a tecnologia. Surgem do *desenvolvimento e evolução da ciência que gerou um complexo exercício de uma profissão, com introdução de aparelhagens de variadas espécies e crescente complexidade* ⁽⁴⁾, que o médico radiologista desde sempre nunca controlou na totalidade, e se viu obrigado a delegar.

São uma profissão desde 1900, muito por força de necessidades locais, e foram precisos 60 anos para surgir a primeira legislação que os legitimasse por meio de formação uniforme a nível nacional, a Portaria 18 523 de 12 de junho de 1961, mas também que desse alguma dignidade a todos os que, até aí, tinham lutado por ela. Um hiato de 60 anos, em que os Técnicos de Radiologia existiram, com nomenclaturas várias, por meio de reformas localizadas (*c.f.* DL 4563/1918; D 28 794 /1938), com formações casuísticas, realizadas de forma particular, em que cada médico na sua clínica ou hospital formava o *seu* técnico para aquilo que achava essencial. Está descrito na literatura que em alguns locais existiram cursos, que na nossa interpretação tinham apenas o objetivo de obter maior rendimento, do que a criação de um verdadeiro corpo de conhecimentos. Formações sem nenhuma unicidade a nível nacional relativamente às práticas, muito básicas e com interesses localizados⁽⁴⁾.

Celebra-se este ano os 60 anos daquele decreto. Acredito que os Técnicos de Radiologia estão

conscientes do lugar que ocupam na primeira fila da Radiologia Portuguesa. O futuro exige maior autonomia e depende das escolhas dos Técnicos de Radiologia. É deles, a responsabilidade de não deixarem escapar as oportunidades, que a ciência oferece, apostando no ensino, formação, investigação,

interdisciplinaridade, transversalidade e criatividade. Acredito, que estão conscientes de que SABER É PODER.

Referências

1. Foucault M. O Nascimento da Clínica. Forense- Universitária. Rio de Janeiro
2. Monteiro M. Teatro anatômico digital: práticas de representação do corpo na ciência. História, Ciências, Saúde- Manguinhos [Internet]. Setembro de 2011;18(3):641–60.
3. Daston L, Galison P. The Image of Objectivity. Representations [Internet]. 1 de Outubro de 1992 [citado 21 de Abril de 2021];40:81–128.
4. Ramos A. Notas sobre os cursos de formação de pessoal técnico auxiliar dos serviços complementares de diagnóstico e terapêutica. Sep J O Médico. 1986.

Recebido / *Received*: 30/04/2021

Aceite / *Accept*: 03/05/2021